



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Espaços de Humanização: simbolismo e apropriação no Parque José Affonso Junqueira

**Spaces of Humanization: symbolism and
appropriation in the José Affonso Junqueira
Park**

*Esther Aparecida Cervini¹, PUC Campinas,
esthercervini@uol.com.br*

Jane Victal Ferreira², PUC Campinas, janevictal@hotmail.com

Renata Baesso Pereira³, PUC Campinas, renata.baesso@puc-campinas.edu.br

¹ **Esther Aparecida Cervini de Melo**, arquiteta, doutoranda em Urbanismo no Programa de Pós Graduação em Urbanismo da PUC Campinas e professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas campus Poços de Caldas.

² **Jane Victal Ferreira**, arquiteta, professora do Programa de Pós Graduação em Urbanismo da PUC Campinas.

³ **Renata Baesso Pereira**, arquiteta, professora titular do Programa de Pós Graduação em Urbanismo e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas..

RESUMO

Este artigo trata do estudo do Parque José Affonso Junqueira em Poços de Caldas MG, no que se refere as suas apropriações atuais sob o olhar da memória, da psicologia e da fenomenologia. Num primeiro momento, sustentando a poética de um jardim e o papel que ele oferece à população poçoscaldense, procurou-se teorizar sobre o conceito de humanização da cidade relacionada ao aspecto da subjetivação dos seus habitantes. Depois parte-se para uma análise dos aspectos de referência que constituem as memórias e o sentido de lugar que revelam seus vestígios de significação. Finalmente conclui-se com uma consideração sobre as manifestações e recentes eventos realizados neste local dentro de uma perspectiva da diferença, da participação e da potencialização do espaço urbano, buscando se desenhar as experiências e as novas aspirações da sociedade contemporânea.

Palavras Chave:urbanismo, humanização, memória, identidade, psicologia

ABSTRACT

This article deals with the study of the José Affonso Junqueira Park in Poços de Caldas MG, regarding its current appropriations under the perspective of memory, psychology and phenomenology. At first, supporting the poetics of a garden and the role it offers to the poçoscaldense population, we theorize about the concept of city humanization related to the subjectivity of its inhabitants. Then the article continues to analyze aspects of references that constitute memories and the sense of place that reveal meanings through urban vestiges. Finally, it concludes with observations about recent manifestations and events held in this place within a perspective of difference, participation and potentialization of urban space, seeking to draw experiences and new aspirations of the contemporary society.

Keywords: urbanism, humanization, memory, identity, psychology.

INTRODUÇÃO - ESPAÇOS DE HUMANIZAÇÃO

Atualmente, em várias áreas do conhecimento, o termo humanizar vem sendo retomado, na saúde, na educação, na arquitetura. Mas, também no urbanismo, o conceito humanizar vem aparecendo voltado à busca da escala humana como referência para projetos e para a construção da cidade. Humanizar (Houaiss, 2001) pode significar tornar-se humano, dar ou adquirir condição humana; humanar-se; tornar-se benévolo, ameno, tolerável; humanar-se (*a cidade se humanizou com a criação de novos parques*); tornar-se mais sociável, mais tratável. Humanizar também tem o sentido de socializar-se dentro de uma visão do processo civilizatório, civilizar-se.

A humanização na arquitetura é colorida pelos aspectos do humanismo clássico, com uma preocupação com a natureza e com a estética, bem como a emoção e o entusiasmo pela melhoria do homem e a sua relação com o ambiente físico (Kowaltowski, 1989). Às vezes a definição do termo humanização vem acompanhada de seu oposto, que é a desumanização. E este processo parece atingir grande parte das cidades contemporâneas em virtude do planejamento moderno. Entre alguns autores, como Jane Jacobs, encontra-se uma das primeiras vozes de resistência e participação cidadã ante os excessos de um urbanismo desumanizado, e em seu livro “Morte e vida das grandes cidades” ela resgata as ricas pré-existências da cidade funcional, compacta e densa onde a rua, o bairro e a comunidade são vitais (Marcos, 2016).

Mais recentemente, e considerando estes valores da humanização, da cidade como lugar de encontro, aparece o arquiteto Jan Ghel, que propõe novamente a dimensão humana como tópico da reorganização das cidades atingidas pelo processo de verticalização, pelo aumento de tráfego de automóveis e pela baixa prioridade ao espaço público. A boa qualidade ao nível dos olhos deve ser considerada como direito humano básico sempre que as pessoas estejam nas cidades (Ghel, 2013).

Humanização, aqui, relaciona-se também aos valores subjetivos que a cidade é capaz de evocar, ligados à memória dos lugares, e muitas vezes, no presente, um determinado espaço está carregado de historicidade, como um substrato inconsciente existente que nos faz sonhar, alimentando a vida psíquica de seus habitantes.

Nesse contexto, este artigo traz um estudo do Complexo Hidrotermal de Poços de Caldas, composto pelo Parque José Affonso Junqueira, os edifícios de Palace Hotel, do Palace Cassino, as Thermas Antonio Carlos e a Praça Pedro Sanches. Será trabalhado, no entanto, o parque José Affonso Junqueira em Poços de Caldas, que desde a sua origem, está ligada à presença das águas termais e tem como metáfora o microcosmo da sociedade burguesa que desde os finais do século XIX buscava refúgios de cura e de prazer (Marrichi, 2015). Existia uma textura social viva e latente que nos faz pensar no jardim como uma área de transição entre o físico e o social, onde a subjetividade do indivíduo pode emergir dando sentido à cidade e seu simbolismo de centralidade como um lastro de permanência, num conjunto amplo de mudanças.

A capacidade de o jardim se constituir como um lugar de transição entre subjetividade do homem e o espaço externo, fortalece a identidade do conjunto e proporciona a existência de um espaço potencial. O espaço potencial é aquele que permite a criação e a estruturação das novas linguagens. Durante a existência do jardim, ele parece recriar-se não em seu desenho, mas na sua relação com a cidade, sendo palco desde o surgimento das preocupações higienistas e de

aformoseamento no início do século XX, até hoje, como cenário de eventos midiáticos e lugar físico de encontros estabelecidos pelas redes sociais propiciado pela tecnologia.

O jardim, no seu cotidiano, para seus frequentadores e habitantes pode representar um ponto de integração com a própria identidade como coletivo e do ser humano como pessoa. Os espaços integradores seriam aqueles voltados à qualidade de vida (Gehl, 2013), que se dá na pequena escala, bons para caminhar, bons para permanecer, bons para encontrar pessoas, bons para autoexpressão e atividades físicas, com ótima escala, de bom clima ao nível dos olhos, belos e que proporcionem boas experiências, enfim espaços de vida.

Fazendo uma adaptação da cartilha de Ambiência do Programa Humaniza SUS do Ministério da Saúde, referente à humanização na área da saúde, o conceito de integração envolveria as noções de ambiência e seguem primordialmente três eixos:

- O espaço que visa à confortabilidade focada na privacidade e individualidade dos sujeitos envolvidos, valorizando elementos do ambiente que interagem com as pessoas – cor, cheiro, som, iluminação, morfologia...–, e garantindo conforto dos habitantes.
- O espaço que possibilita a produção de subjetividades – encontro de sujeitos – por meio da ação e reflexão sobre os processos urbanos.
- O espaço usado como ferramenta facilitadora do processo de socialidade, favorecendo a otimização de recursos, a disposição humanizada, acolhedora e resolutiva. É importante ressaltar que esses três eixos devem estar sempre juntos na composição de uma ambiência, sendo esta subdivisão apenas didática.

1. ARQUEOLOGIA DE UM JARDIM

A arqueologia proposta se refere à metodologia de análise, pois indica a existência de divesas camadas de significação para um mesmo espaço. A escavação arqueológica se dá como metáfora e procedimento a partir do espaço como hoje se apresenta, buscando-se a profundidade dos seus significados. O presente e o passado se encontram. Secchi (2006) em sua visão da cidade como depositária de signos, nos fala:

O jardim, ornamento do solo, cidadela do *otium*, do céu ou lugar do mito, sempre foi a metáfora da cidade e da sociedade, lugar investido como prefiguração e ideologização por uma sociedade bem organizada.

O jardim é a figura urbanística que estrutura a análise, e diversas narrativas sobre o jardim cohabitam no complexo hidrotermal composto pelo Parque Afonso Junqueira e pela Praça Pedro Sanches em Poços de Caldas, MG. O parque pode ser definido como área que constitui unidade de conservação, destinadas à proteção de áreas representativas dotadas de atributos naturais ou paisagísticos notáveis, sítio de interesse histórico e urbanístico. Trata-se de um lugar originário, e que ao mesmo tempo contém o que se pode chamar de figuras do urbanismo (Secchi, 2006): no jardim se expressam e são postos à prova, a importância teórica e os limites das novas ideias.

No caso de Poços de Caldas, o parque e a praça formam um espaço urbano que teve como pressuposto inicial a “esfera” pública, devido ao uso intenso por uma sociedade, presente desde o final do século XIX, que se desenha no início do século XX e continua no século XXI a ser sítio de vários eventos de ordem simbólica. O urbanismo de Poços de Caldas evoca a circulação de ideias

do urbanismo sanitarista e da modernização das cidades na passagem do século XIX para o século XX. O que se põe aqui em discussão, observando seus estratos de memória, como o jardim vai sendo construído conforme se estrutura também o desenho urbano humanizado como potencializador do espaço público e também o *locus* segundo o qual torna-se possível os processos singularizados das subjetividades de seus habitantes.

A construção de uma identidade tem um papel central nesta discussão aqui apresentada, na medida em que se faz uma “escuta” do lugar, e a partir daí tenta-se resgatar o papel da subjetividade dentro da pesquisa histórica e nas análises urbanas, fazendo interface com a psicologia e a filosofia.

Mais contemporaneamente, com a comunicação digital e as redes sociais, com uma abrangência virtual, a esfera pública parece ainda necessitar de um espaço físico que exista na realidade e que seja capaz de sustentar a humanização com a criação de uma nova linguagem.

Na cidade de Poços de Caldas o espaço público não se estrutura por um largo com uma igreja, mas se constitui a partir das águas termais, daí o nome de “Hydrothermópolis”, termo usado por Dr. David Benedito Ottoni no início do século XX. A água termal, desde os seus primeiros registros por volta de 1786, teve a sua origem envolta num imaginário de lendas demoníacas muito em virtude da fumaça e cheiro de enxofre do local. O medo dessas lendas só foi abrandado com a descoberta das características curativas das águas e a partir de então, o campo misterioso passa a ser identificado como “Vale Milagroso” (Pozzer, 2001). O vale apresentava assim, uma paisagem rudimentar e de barracos e cabanas provisórios construídos por doentes que se aventuravam em difíceis viagens para conquistar a cura de seus males.

Em 1826 o doutor Agostinho de Souza Loureiro visita o local para averiguar o aproveitamento das águas termais e é realizado o primeiro levantamento do lugar.



Figura 1: Análise dos lugares. A primeira planta do local de Poços é datada de 5 de março de 1826. In Ottoni, Homero Benedito. Poços de Caldas, 1960. Fonte: MATTHES, Adriane de Almeida. Arquitetura e Permanências. Dissertação de Mestrado. Campinas: POSURB, 2005.

O mapa de 1826 deixa bem claro o desenho de um largo, que ao longo da história, vai sofrer diversas intervenções, no sentido de qualificar esse espaço dando a ele um aspecto de urbanidade e civilidade, sempre ligado aos assuntos do corpo e do mundo, mas nunca ligado ao sagrado e ao espírito. O povoado recebe o nome de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas.



Figura 2: Vista do largo para o Balneário, 1900. Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Em 1873, o governo da Província de Minas Gerais vê a necessidade de várias obras e concede à empresa concessionária a construção de um balneário sobre as fontes Pedro Botelho, Mariquinha e Chiquinha. Mas os atrasos nas obras fizeram com que em 1880 passasse para a “Sociedade Anônima Empresa Balneária” a construção de um balneário, que foi realizado na Praça Senador Godoy (hoje Praça Pedro Sanches), sendo inaugurado em 1884 o “Hotel da Empresa”. Paralelamente às construções do balneário e hotéis, o grande público se dirigia ao núcleo urbano. Em 1882 se instalou a Cia Mogiana de Estradas de Ferro, com a conclusão do Ramal de Caldas, facilitando não só o acesso à localidade, mas, também, o escoamento da produção agrícola e cafeeira da região.

No final do século XIX, o potencial curativo e científico das águas minerais despertou o interesse dos governantes e vários melhoramentos passam a ser executados nas estâncias minerais. Nesse período a medicina brasileira tinha como referência os conceitos da educação médica europeia, que acreditava no termalismo, disciplina que era ensinada nas escolas médicas, como um instrumento eficaz para o tratamento de algumas doenças específicas, dentre elas o reumatismo e a sífilis. (Pozzer, 2001). Associa-se ao tratamento a paisagem agradável cercado de montanhas. O contato com a natureza, o distanciamento das cidades de origem representavam um fabuloso coadjuvante do processo de cura.

A análise de uma prática urbanística na cidade de Poços de Caldas, desde o final do século XIX, período chamado de “milagre urbanístico”, passaram por importantes obras, como as do Prefeito Francisco Escobar e do importante Plano de Avenidas de 1905 do Dr. David Benedito Ottoni, chegando até as grandes obras da década de 30.

A planta abaixo inaugura a definição da área do parque e das termas que viriam a constituir o coração da cidade e inaugura também a hierarquia urbana que no traçado proposto por Maywald praticamente não existia. O espaço público é privilegiado.

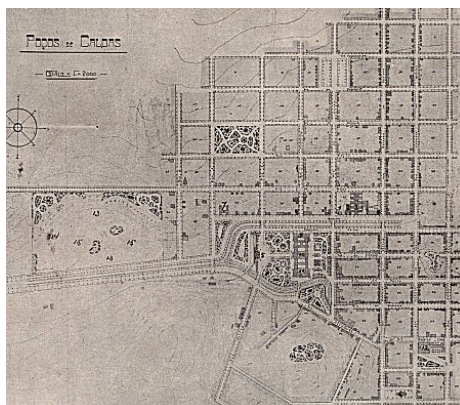


Figura 3: Proposta do arquiteto Piffer, pela Cia Melhoramentos para Poços de Caldas, em 1912. A estação ficaria quase no centro do mapa, um pouco abaixo, em frente a um jardim que existe do outro lado do Hotel das Termas. A linha viria do oeste e faria uma curva para o norte na entrada da estação. Fonte: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

No início do século XX, Poços de Caldas se tornou a mais importante estância hidromineral brasileira. Sua reputação acabou atraindo políticos, escritores, artistas famosos, a burguesia emergente, e a sua imagem sendo transformada numa cidade do jogo e do lazer. A cidade vai sendo conhecida por suas águas sulfurosas com propriedades curativas, mas também vai sendo reconhecida como território aprazível onde os freqüentadores abastados podiam desfrutar de vários hotéis, passeios, bailes, shows e cassinos.

De 1920 a 1922 o Eng^o Lourenço Baeta Neves foi prefeito de Poços de Caldas e administrou a situação financeira do município e deu continuidade as obras iniciadas. Pretendia ainda empreender uma regularização no sistema sanitário municipal.

Nas cidades novas, nenhum problema excede de importância ao do estabelecimento ou regularização do aparelho hygienico do meio urbano, problema, cuja solução deve preparar o progresso local e nunca por este esperar, conforme o pensamento elevado da máxima de Saturnino de Brito, o mestre incomparável da engenharia sanitária (NEVES, 1922).

Baeta Neves propôs a obrigatoriedade do uso do sistema municipal de água e esgotos nos prédios servidos pela rede pública, a utilização de aparelhos sanitários e reformas nas instalações de higiene, criação de lavanderias públicas. Ele criticava a monotonia da tipologia dos *chalets* e sugeriu a adoção de tipologias com casas ajardinadas como as americanas.

Em 1925, a Companhia Melhoramentos, procurando cumprir as exigências contratuais, inaugurou o Palace Hotel, no entanto sem os critérios estéticos necessários a um hotel de estância hidromineral. Em 1926, um novo contrato com a Cia Melhoramentos obrigava melhorias no Palace Hotel, com a utilização de materiais e mobiliários adequados. Mas a não observação das exigências contratuais fez com que em 1927 a prefeitura de Poços de Caldas viesse administrar as águas, sendo prefeito então Carlos Pinheiro Chagas. A expectativa da população pela construção de uma cidade bela e salubre foi incrementada pela visita do Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada neste ano.

O Plano Geral de Melhoramentos compreendia as seguintes obras: reforma dos serviços de energia elétrica e iluminação pública, reforma geral da rede de esgotos e captação de mananciais,

calçamento da cidade, construção de parques e jardins, recepção das fontes hidrominerais e construção de um novo hotel, de um cassino e um novo balneário. A expectativa sobre a remodelação da estância possibilitou a construção da mais importante estação de cura da América do Sul (LEME, 1999).

Carlos Pinheiro Chagas realizou uma viagem à Europa tendo como objetivo conhecer algumas estâncias termais em Portugal, na Alemanha, Tchecoslováquia, França e Itália. Nessa viagem foram contratados os serviços do médico hidrologista Paul Schoeber de Widband e do engenheiro Engen Maurer de Baden-Baden. Para o saneamento da estância foram contratados o Engenheiro Sanitarista Francisco Saturnino de Brito e o paisagismo e arborização dos parques, praças, ruas e avenidas à empresa Dierberger e Cia. Para projetos de edificações foi escolhido o arquiteto Eduardo Vasconcelos Pederneiras.

SANITARISMO MODIFICANDO A PAISAGEM: SATURNINO DE BRITO

Em 1927, Saturnino de Brito e seu filho Saturnino de Brito Filho, estudaram a cidade de Poços de Caldas, resultando num projeto e obras de saneamento, abastecimento de água e sistema de drenagem das águas pluviais.

Ele criticava a adoção da malha reticulada para as vias públicas urbanas, recomendando esta tipologia às áreas planas e não a encostas. Propunha uma adequação à topografia, de modo a facilitar as obras de saneamento. Também defendia *“tirar partido do pitoresco natural, aformoseando a cidade tornando-a mais atraente aos milhares de visitantes que vêm anualmente procurar a cura dos seus males pelas águas medicinais e pelo clima, deixando em troca valiosas quantias e para as rendas do Município e do Estado”* (BRITO, 1944).

Os ribeirões que cortam a cidade foram considerados eixos estruturadores da futura expansão urbana e onde está o núcleo urbano, numa pequena planície onde ocorria a confluência dos ribeirões a leste estava a Avenida Francisco Sales, margeando o Ribeirão da Serra, a sudoeste o Ribeirão das Caldas e a oeste seguindo o troço das águas a Avenida João Pinheiro.

O desenho urbano da nova paisagem deveria acompanhar os Ribeirões e a topografia, cabendo ao “urbanista” a adoção dos traçados a serem adotados.

Nesse sentido, o conceito de *aformoseamento* não se limitava a obras de embelezamento, mas também a uma estética que estabelecia diretrizes técnicas para a expansão urbana. Para a construção dessa cidade bela e salubre, criando uma imagem urbana moderna, Saturnino de Brito teve vários problemas a enfrentar, desde a existência de quintais junto às águas nos quais se lavavam as roupas tanto dos sãos quanto dos doentes, até a execução de obras contra enchentes e melhoramentos nos balneários.

Saturnino de Brito indicava para a preservação dos mananciais da cidade, a desapropriação das bacias hidrográficas. Localizou os principais mananciais e sua captação, analisou os sistemas de esgoto e propôs a correção das irregularidades. Na análise das enchentes, foi considerada a grande inundação de 1926, que deixou a área central sob um metro de água. Com a conclusão dos estudos e dos projetos, uma série de obras de saneamento de grandes proporções foi realizada, e compreendiam também a construção das redes de água e esgotos, regularização dos cursos d’água e a canalização dos ribeirões, saneamento e redesenho da cidade contribuindo para a construção de uma nova paisagem urbana (Pozzer, 2001).

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM ARQUITETÔNICA: EDUARDO VASCONCELOS PEDERNEIRAS

Coube a Eduardo Vasconcelos Pederneiras a realização da reforma do Palace Hotel, os edifícios do Cassino e a reforma da Praça Pedro Sanches. Em 1927 são iniciadas as obras de demolição do Hotel da Empresa, do cassino e do antigo balneário. Ele dizia do conjunto de obras a serem realizadas:

O Palace Hotel será transformado em sua fachada e no seu interior. Do stylo actual, próprio para um quartel, passará a ter o agradável aspecto dos hotéis da Suíça, com bonitas sacadas em balanço, jardineiras floridas, largos alpendres sustentados por arcadas graciosas, enfim terá o stylo apropriado a um hotel de uma cidade de águas situada na montanha.

Sobre o projeto do novo parque Pederneiras comentava no jornal Vida Social de 07 de julho de 1927:

...ocupará grande área de terreno actualmente abandonada, em frente do hotel de forma triangular, tendo dois dos seus lados limitados por um rio, sendo o terceiro lado paralelo à fachada do hotel. É uma área de cerca de quatrocentos metros quadrados, admiravelmente situada, e cuja situação será tirado o maior partido architectonico, Tratando-se de um parque, em uma cidade de águas, em que o aquático precisa passear ou descansar à sombra das árvores, escolhi como typo, o dos parques ingleses, com muito bosque e portanto, bastante sombra.

O projeto de reforma do Palace Hotel foi pensado conjuntamente com a proposta do novo parque urbano, com grande eixo leste-oeste construído como eixo estruturador que se prolonga da Rua São Paulo, demarcando o centro da praça Pedro Sanches, atravessa o hall de entrada do Palace Hotel, prolonga-se pelo parque, por uma fonte luminosa chegando ao pavilhão do chá.

Os projetos do Cassino e o das Thermas vão estabelecer uma relação tipológica com as formas propostas para a reforma do Palace Hotel, formando um conjunto cênico emoldurado pela cidade e pelas montanhas (a Serra de São Domingos).

Criava-se, assim, uma paisagem eclética que se destacava pela sua singularidade, no contexto urbano local. O arquiteto eclético estabelecia referências novas naquela paisagem em edificações como o hotel, o cassino e a thermas, caracterizada por telhados, pérgolas e sacadas que apresentavam certa familiaridade morfológica que contrastava com a implantação em ângulo e o rigor da linguagem clássica empregada na composição da casa de banhos.

O DESENHO DOS JARDINS: DIERBERGER E CIA

Um elemento fundamental de importância para emoldurar dos projetos do Palace Hotel, do

Cassino e da Thermas foi a proposição eclética dos jardins elaborados por João e Reynaldo Dierberger. Tinham como características básicas:

...o tratamento do espaço livre dentro de uma visão romântica e idílica, que procura recriar nos espaços a imagem de paraísos perdidos, de campos bucólicos ou de jardins de palácios reais, incorporando no seu ideário uma concepção pitoresca de mundo típica da sociedade europeia do século XIX (MACEDO, 1999).

Em Poços de Caldas, Dieberger segue as sugestões de projeto de Eduardo Pederneiras, com jardins que estabeleciam um contraste entre as linguagens clássicas e românticas dos edifícios existentes.

Os jardins que envolviam as novas Thermas apresentavam uma organização mais livre caracterizada pela irregularidade das formas propostas (Poizzer, 2001).

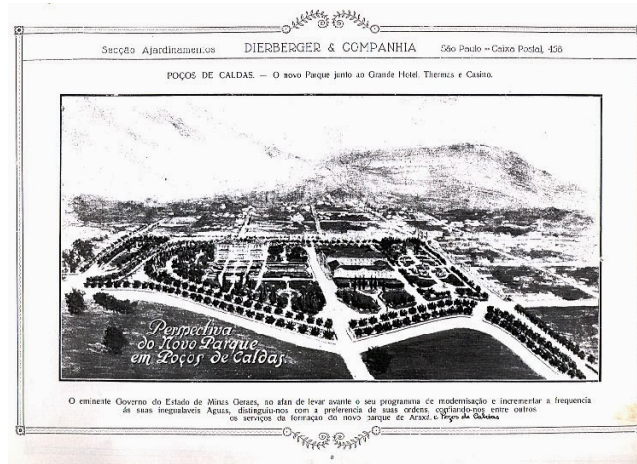


Figura 4 : Proposta para o novo parque em Poços de Caldas, autoria de Dierberger.
Fonte: Acervo do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

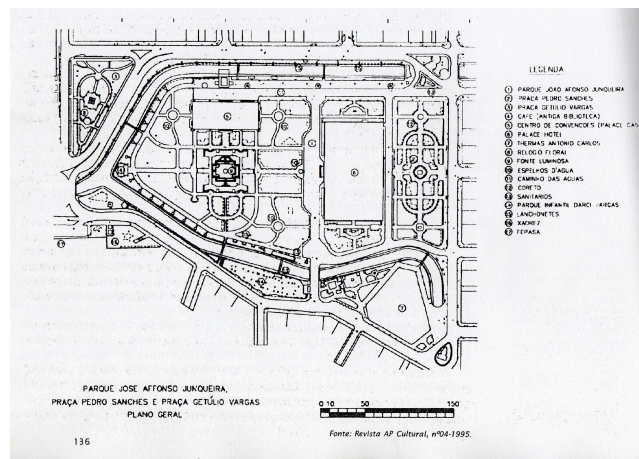


Figura 5: Parque José Affonso Junqueira, Praça Pedro Sanches e praça Getúlio Vargas. Fonte: Revista AP Cultural nº 04, 1995.



*Figura 5: área atual do Parque José Affonso Junqueira. Fonte:
<http://www.memoriadepocos.com.br/2014/02/os-jardins-de-dierberger.html>*

Ao considerar todos os elementos do conjunto de intervenção: eixos estruturadores, dos canteiros, os tratados “clássicos” e “românticos”, esculturas, coreto, fonte luminosa, pergolado, novos edifícios monumentais, os Dierberger acabam propondo uma composição de árvores, arbustos e forrações, que proporcionaram uma unidade estética para a grande obra. Em 1931 são finalmente inaugurados o Cassino e as Thermas.

Posteriormente, as vizinhanças de Poços vão sofrer com a Revolução de 1932. Muitas batalhas são travadas na divisa do estado com São Paulo. Com a turbulência da guerra, as grandes obras realizadas em Poços de Caldas tiveram seu movimento diminuído. Em 1933, a Prefeitura Municipal levanta fundos para a pavimentação e arborização da cidade, e também o escritório do Eng^o Saturnino de Brito dá a solução final da construção de uma represa de contenção para controlar as cheias na área central.

Durante os anos 40 a cidade desfruta de uma estabilização das atividades econômicas advinda do turismo e da prática dos jogos, com um aumento de obras de cassinos e outros empreendimentos. Em 1945, a guerra mundial eclode, e o termalismo passa a ser menos recomendado, perdendo terreno para a “medicina científica” desenvolvida nos EUA, com a descoberta da penicilina. No mesmo ano abre-se o período de campanha eleitoral, com a deposição de Getúlio Vargas. Eurico Gaspar Dutra vence então as eleições presidenciais. Em 1946 o novo presidente decreta o fim dos jogos de azar, determinando o fechamento de todos os cassinos no Brasil.

A cidade de Poços de Caldas teve, por sua vez, sua economia abalada, passando um grande período de recessão. O município vai dedicar-se a partir da década de 50, às atividades extrativas de minérios e ao incremento do processo de industrialização com a chegada de multinacionais ao município. Inicia-se a construção de bairros de interesse social e conjuntos habitacionais na periferia da cidade. Ainda na década de 60 o perfil do turismo acaba se consagrando com a cidade desenvolvendo o circuito de “lua de mel” tendo o Parque José Affonso Junqueira com seu jardim como cenário muito propício. Novas alternativas para o turismo são implementadas culminando na década de 70 com o seu perfil voltado à classe popular.

Com vistas à preservação do patrimônio histórico da cidade, foi decretado o tombamento do complexo Hidrotermal de Poços de Caldas em 1985 pelo DPHTAM Diretoria do Patrimônio Histórico, Turístico e Artístico Municipal. Em 1992, com a realização do Plano Diretor da cidade, para área de turismo foram recomendadas diretrizes de revitalização da área central, com critérios a serem adotados no sentido de restabelecer-se a identidade do conjunto. Em 1993 a prefeitura municipal lança o Concurso Nacional para Revitalização da área Central “Poços Centro Vivo” que tinha como objetivos a reestruturação da paisagem urbana, a ordenação do tráfego de veículos, a ordenação das atividades urbanas, a dinamização dos usos e atividades urbanas e a proposição de formas de gestão urbana. Também, procurou-se reestabelecer o desenho originário para o jardim, que durante todos estes anos foi se tropicalizando pelo adensamento de espécies vegetais. A proposta de projeto procurou: o remanejamento das espécies vegetais; a recuperação do piso, a implantação de novo sistema de iluminação que possibilitasse maior segurança e conforto aos usuários e criação de efeitos cênicos para valorizar o patrimônio arquitetônico e paisagístico e a instalação de novo sistema de mobiliário urbano.

2. A PAISAGEM INTERIOR: ALGUNS ELEMENTOS DE PSICOLOGIA AMBIENTAL

O interesse em relacionar a história de um jardim e os processos de apropriação e identificação do lugar, parece configurar um campo de estudo interdisciplinar muito importante para a estruturação subjetiva da memória dos habitantes de Poços de Caldas. O simbolismo decorrente deste espaço vinculado à utilização das águas termais atraía no passado uma grande quantidade de visitantes cujo tratamento com banhos vinha acompanhado também pelo cuidado do ambiente: o repouso, o passeio no jardim sombreado, o controle das emoções (Marrichi, 2015) favoreciam, do ponto de vista social, uma nova postura e convivência afastada do cotidiano doméstico. Neste tempo em suspenso, representa uma janela na percepção do ser, de onde possível se ver a busca ontológica que o jardim evocava.

Proshansky (1978), na década de 60, inaugurou nos Estados Unidos, uma escola de Psicologia Ambiental na linha dos movimentos ambientalistas e além de preocupação com o meio ambiente natural, dedica-se também ao estudo do meio ambiente urbano. Para ele o processo de apropriação se relaciona com a identidade de lugar (*placeidentity*). Assim o lugar tem uma significação para o sujeito que o incorpora à própria identidade, ou seja, a identidade do “eu”.

Para cada ‘rol’ de identidade, existem dimensões e características do entorno físico. Nesse sentido, a identidade de lugar (seu significado) é um componente específico do próprio ‘eu’ do sujeito, forjado por meio de um complexo processo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências (Gonçalves, 2007, p. 27)

O processo de apropriação atua em dois sentidos: um em direção à conquista do espaço, e outro para si. Isto implica o sujeito adaptar um espaço as suas próprias necessidades, dar-lhe características próprias. A relação pessoa/ sociedade/ meio ambiente tem sempre uma dimensão da vivência e simbolismo. Essa dimensão tem aparecido muito nas conceituações de qualidade de vida, bem estar social e comunidade, e também naquilo que se refere à percepção e valorização da paisagem. Para a Psicologia, paisagem refere-se ao mundo intrapsíquico enquanto que para a arquitetura consiste na organização de imagens no mundo externo. Paisagem está diretamente ligado ao conceito de habitat e de espaço, levando em conta que o gerador dessa paisagem são as comunidades inseridas nesses habitats e que ocupam aquele determinado espaço (MACEDO, 1999).

Essa interação pessoa – ambiente é assegurada pelo fato de ser o meio físico circundante, onde se assenta os espaços culturais, o local em que o sujeito vive e constrói a sua subjetividade. A apropriação do espaço é a de lugares repletos de significados, ou de signos que se acumulam em camadas. Estes são a “pousada” do espaço que se define como sendo um movimento tanto externo quanto interno (Gonçalves, 2007). Assim, o espaço não é só o meio circundante físico uma vez que por meio da dimensão sociocultural o sujeito internaliza e representa.

A apropriação, como processo de identificação, é em certa medida, um agente transformador, pois ao apropriar-se do espaço o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo, iniciando, assim, um processo de reapropriação contínuo, que vai desde a cidade, a casa até seu interior. A partir das cores, das formas, dos odores, das sensações de prazer, o sujeito vai modificando as paisagens concretas do lugar, deixando sua marca e ao mesmo tempo, vai transformando sua paisagem interna, as paisagens do seu mundo interno.

Subjetivação e contemporaneidade

Embora Poços de Caldas seja uma cidade de pequeno porte, em certos aspectos ela não está imune às forças da globalização. Subjetivação contemporânea e globalização (Montagna, 2001) andam conjuntamente. A metrópole seria a representação mais aproximada da contemporaneidade na caminhada da globalização. Paira a experiência de aceleração do tempo e a integração do espaço, permeando suas feições.

Mas o Parque José Affonso Junqueira, na contemporaneidade, continua a atrair formas de representação social e da vida pública. A experiência deste espaço resguarda uma memória afetiva e sua decorrente preservação. O espaço interno e o externo seriam criados pelo próprio indivíduo de acordo com uma dinâmica do “incorporar – atirar para fora”. As realidades externas reais e independentes ou relativamente independentes influem o mundo interno do indivíduo, modificando-o pessoalmente.

Para Montagna (2001) Winnicott foi provavelmente o psicanalista que mais se ateu sobre a interação eu-mundo externo. Ocupa-se do espaço de origem do jogo, da cultura e da espontaneidade. O mundo só existe para o bebê na medida em que ele próprio o cria, e ele só pode criar na medida em que ele exista, é sua proposição.

A subjetivação se dá a partir da realidade externa palpável, mas que só existe na medida em que de maneira particular vem a ser apropriada e feita existir pelo próprio indivíduo, a um tempo autor e personagem passivo de sua história pessoal. (Winnicott, 1988) Se há uma falha da adaptação materna, há uma distorção no processo de vida do bebê.

Para Damergian (2001), o sujeito constrói seu mundo interno na relação com o mundo social que, nos iniciais momentos de vida, é representado pela mãe. A primeira experiência de interação do ser humano é o ponto de partida da construção da subjetividade.

Pensar o social é refletir sobre a relação da criança com sua mãe que é, no momento de seu nascimento, todo o seu mundo. A mãe traz consigo o meio representado, e nele estão os modelos de identificação. São os modelos que, ao serem internalizados pela criança, vão orientar a estruturação de sua personalidade. Deste modo, a mãe, com ser psicológico desejante, é também representante do social, transmitindo aquilo que incorporou em sua história. A sociedade dispõe, portanto, de outra condição vital para o ser humano: nela estão os objetos das necessidades e desejos humanos.

Na discussão sobre a construção da subjetividade na metrópole, Damergian (2001) faz uma comparação analógica mãe/sociedade. A sociedade deve ser a valência positiva para o sujeito. Nesta visão, mãe-sociedade seria a valência positiva, em que a pulsão de vida seria predominante.

Harvey situa a questão da identidade na modernidade como uma celebração móvel, ou seja, o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Se o espaço urbano é o lócus de encontros e trocas sociais, num tempo tão acelerado, é difícil reconhecer marcos concretos que possibilitam contemplar e evocar nossa presença humanizada, nossa vida reconhecida, e não caída no anonimato da metrópole. Para Peter Sloterdijk (1999), “no individualismo-quitinete das metrópoles pós-modernas a capacidade de ilhar-se se torna definição do próprio indivíduo”. O termo insularização foi definido como sucessão da humanidade-horda da Velha Natureza, a segunda insularização como a utilização, nas grandes civilizações, do homem pelo homem e a terceira insularização como pós-social, como aquela que precisa cada vez menos da sociedade.

Na relação dialética entre eu-mundo externo, Montagna nos fala sobre os caminhos intermediários de como trabalhar esta relação. Subjetividade na cultura do narcisismo, a sociedade de consumo como sistema simbólico dominante da subjetividade e do inconsciente apresenta uma crise da representação na modernidade. No caso de Poços de Caldas, o jardim resiste em sua presença como um oásis, frente a esta crise de representação.

Subjetividade e sentimento de identidade

O *sentimento de identidade*, substância da subjetivação, define a unidade resultante de todos os processos identificatórios pelos quais o sujeito passa (e continua a passar) tendo assim uma natureza dinâmica e relacional. É por meio das introjeções e projeções, que o processo cultural, se consolida e trabalha a subjetivação através da identidade. É esta troca incessante com o meio externo que nos delimita através de uma camada virtual, o que Montagna chama de envelope de transicionalidade, realçando a plasticidade e o dinamismo implícito na adaptação do sujeito ao mundo. Winnicott e Anzieu seriam dois autores que compartilham deste conceito de espaço transicional. Por extensão, nossa apropriação de um espaço urbano também contém semelhante movimento.

O sentimento de identidade é fundamental para o ser humano. Ser reconhecido como pessoa faz parte dos sentimentos humanos e algumas vezes ele se sobrepõe à necessidade de prazer. É diferente do sentimento de existência, de estar vivo mesmo que este esteja no sentimento de identidade.

Para Montagna a marca dos ideais e de sua construção é importante no processo de amalgamento da identidade, e portanto, da subjetivação. Assim, assinala a importância do enraizamento em um lugar como possibilidade de aí voltar, um refúgio onde recolher consolo, uma morada para viver ou também os lugares revisitados e este ambiente pode ser também a cidade, repleta de lugares familiares que resistem ao sujeito, nas reviravoltas da vida, o sentimento de sua identidade. O desafio da contemporaneidade é o de manter nossas identidades face às mudanças, sem nos des-historicizar.

“Caminhamos em direção aos muros da cidade, e no temor da memória, não se sabe bem quem era a criança que ali brincava, que prazeres encerram. Então o súbito desígnio das casas, das ruas, das formas, do espaço dá às lembranças um contorno e consistência. É assim que o espaço ajuda a estruturar o tempo e que o olhar vem em socorro da memória. O olhar que outrora desempenhou um papel de suporte narcísico... é reconhecido e aí o ego reconhece suas fronteiras. O retorno à casa natal é um movimento de identificação consigo mesmo”. (Berry apud Montagna, 2001, p. 78)

3. FENOMENOLOGIA DE UM JARDIM: UMA BREVE NARRATIVA

É possível dizer que a fenomenologia, enquanto terminologia ou nomenclatura está presente na história da filosofia e das ciências humanas há muitos séculos. No entanto, a proposta fenomenológica é consideravelmente mais jovem. Cunhada por Husserl em 1900, na obra “Investigações lógicas”, a fenomenologia enquanto ciência dos fenômenos, aquela que por meio daquilo que se mostra a partir de si mesmo pretende o acesso ao ser. (MARCELLO, 2009).

Heidegger, discípulo de Husserl, adota o método de investigação fenomenológico em sua obra, sendo que em “Ser e Tempo”, o filósofo promove uma ontologia acerca da existência humana, e, para tanto, a fenomenologia é empregada enquanto método. Heidegger considera que a

fenomenologia é o “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal com se mostra a partir de si mesmo. É este o sentido formal da pesquisa que traz o nome de fenomenologia (...)” (Heidegger apud Marcello, 1999). Com isso, o filósofo aprimora a definição inicial, apresentando, então, a fenomenologia como sendo a ciência dos fenômenos, a qual deve apreender os objetos.

É muito raro nos dias atuais, encontrar lugares que resistiram às mudanças dos tempos, e que guardam ou testemunham a memória de seus habitantes. As crianças ainda andam de charrete, as noivas ainda fotografam seus álbuns no jardim, a banda ainda toca no coreto (figura 8) todo o final de semana e, em sua roda, casais idosos vão dançar, a fonte luminosa (figura 9) ainda brilha ao som de músicas clássicas, ainda se marcam encontros na praça, ainda se passeia com cachorros, se brinca no parquinho, a Chalana dos Artistas (figura 13) ainda anima o Carnaval na praça. E se incorporaram novas tradições como a Sinfonia das Águas (figura 10), a mostra de Carros Antigos, as manifestações públicas, os shows, a queima de fogos na passagem de ano.



Figura 6 e 7: O Bosque e o jardim. Parque José Affonso Junqueira, 2008. Fonte: Acervo Esther Cervini.



Figura 8 e 9: O coreto na Praça Pedro Sanches e fonte luminosa no Parque José Affonso Junqueira, 2008. Fonte: Acervo Esther Cervini.

O jardim guarda vários lugares na Praça Pedro Sanches e no Parque Affonso Junqueira: o bosque, as fonte, os chafarizes, o pergolado, a casa de chá, antes biblioteca e agora o café, o jardim de azaléias, o gramado, o bondinho, “o palácio”, o cassino, as termas.

A poética seria uma dimensão humana comum a todos os homens em que a pessoa transcende a própria história e o próprio tempo. Seria o “instante consagrado” a que Paz (1973) fala: faz-se homem ao fazer-se poeta, e assim, recuperar em si, naquele instante, a humanidade de todos os homens. O tempo (Gonçalves, 2007) é conduzido pelo objeto estético, capturado na obra estética, quer dizer, a captura poética é involuntária.

O potencial de se ofertar como espaço de humanização depende da apreensão sensível. Cada elemento arquitetônico do Parque José Affonso Junqueira representa um elemento poético que faz ancoragem material no espaço, porque a poética se estrutura por intermédio da experiência com o objeto poético e este é sempre evocativo. A poética perpassa as fronteiras da determinação do sujeito e no instante poético há a transformação do sujeito. Ele recria a si ao recriar concretamente o seu mundo. O sujeito se expressa e se revela no objeto poético.

Com as transformações ocorridas durante o século XX e XXI, o jardim continua a preservar a aura do pitoresco e romantismo, mas também vem ocupar o lugar da experiência. O jardim torna-se palco de eventos e manifestações públicas de diversos grupos da cidade desde o hip-hop dos jovens até as atuais manifestações e ocupações políticas por grupos de ativistas na cidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observa Matthes (2006) estas seriam intervenções e organizações de uma estrutura urbana pensada para se constituir um espaço público coletivo.

A produção de um espaço social, construído com uma intenção que resultou numa dinâmica social com fluxos até hoje muito intensos. Um espaço que se construiu ao redor de equipamentos públicos de saúde, de serviços e de lazer, e que se configurou em espaços de contemplação, onde o desenho urbano sempre teve papel marcante e estruturador de um cenário para a promoção e convívio sociais.



Figura 10 e 11: Palace Hotel e Parque José Affonso Junqueira no espetáculo Sinfonia das Águas, 2016 Fonte: https://www.google.com.br/search?q=sinfonia+das+%C3%A1guas&biw=1366&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwilqciHndfPAhWIEpAKHd_2CgEQ_AUIBygC#imgsrc=wQAXCnlmQ0vmZM%3A. Acessado em 10/11/2016.

Não há como negar a incorporação de novos paradigmas à análise das condições de vida e do desenvolvimento no momento atual. A intersubjetividade como o mais novo paradigma da

Ciência, (Habermas apud Gonçalves, 2007) contribui para os processos simultâneos do conhecimento do mundo e a auto-subjetivação humana pela razão comunicativa.



Figura 12: A Chalana dos Artistas, Carnaval de 2016. Acervo: Esther Cervini.

Figura 13: Manifestações em 2015. Fonte: Juliano Borges

O potencial de se ofertar como espaço de humanização depende da apreensão sensível. Cada elemento arquitetônico do Parque José Affonso Junqueira representa um elemento poético que faz ancoragem material no espaço, porque a poética se estrutura por intermédio da experiência com o objeto poético e este é sempre evocativo. A poética perpassa as fronteiras da determinação do sujeito e no instante poético há a transformação do sujeito. Ele recria a si ao recriar concretamente o seu mundo. O sujeito se expressa e se revela no objeto poético.



Figura 14: Instalação do coletivo Trama Ação Urbana, 2016. Fonte: <https://www.facebook.com/tramaacaourbana/photos/pb.307514239415313.-2207520000.1476344338./673699652796768/?type=3&theater>. Acessado em 10/11/2016.

A transmissão dos significados da cidade se faz pela consolidação da identidade no jardim e se engendra pela intersubjetividade, capaz de ser acessada pela memória dos lugares. O espaço não é, portanto, apenas uma localização físico-geográfica, é também sociocultural e simbólico. A flexibilidade está relacionada a este espaço potencial uma vez que a qualidade de sustentar a subjetividade de seus habitantes proporciona a relação dos lugares com a vivência.

6. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *A Peste e o Plano: O urbanismo sanitista do engenheiro Saturnino de Brito*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FAU –USP, 1992.
- ANZIEU, Didier. *O Eu pele*. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 1989.
- BOLLAS, C. A Arquitetura e o Inconsciente. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Vol III I nº 1*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 21-46.
- BRITO, Saturnino. *Obras Completas*. 23 volumes, Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1943/1944. Volume XIII.
- CHOAY, Françoise. *O Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- DAMERGIAN, Sueli. *A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade*. São Paulo: PUC, 2001.
- _____. *A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade*. In: Tassara, Eda. T. de O. *Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano*. São Paulo: EDUC, 2001.
- FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Os significados urbanos*. São Paulo: ED. USP/ FAPESP, 2000.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Annablume/ SESC, 1997.
- GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. *Cidade e poética: Um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987.
- HARVEY, David. *A condição pós- moderna*. São Paulo: Loyola, 1998.
- HEIDEGGER, M. *Introdução à Metafísica*; trad. Emmanuel C. Leão. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- _____. *"Sobre o Humanismo"*, in *Conferências e Escritos Filosóficos*; trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEME, Maria Cristina da Silva. *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: FUPAN, Studio Nobel, 1999.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MACEDO, Silvio Soares de. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo: Coleção Quapá, 1999.

- MAERCELLO, Guilherme Conti. *Origens e conceitos básicos da Fenomenologia*.
<http://www.redepsi.com.br/2009/02/05/origem-e-conceitos-b-sicos-da-fenomenologia/>
Acessado em 27/ 11/2016.
- MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. *A cidade termal: Ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931*. São Paulo: Annablume, 2015.
- MONTAGNA, Plínio. Subjetivação contemporânea na metrópole. In: Tassara, Eda. T. de O. *Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano*. São Paulo: EDUC, 2001.
- MATTHES, Adriane de Almeida. *Arquitetura e Permanências. O projeto urbano na constituição da esfera pública*. Dissertação de Mestrado. Campinas: POS URB PUC Campinas, 2005.
- NEVES, Lourenço Baeta. Relatório do ano de 1912 do Conselho Deliberativo, Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, 1922.
- POZZER, Carlos Eduardo. *Poços de Caldas: A construção da paisagem urbana*. Dissertação de mestrado, Campinas: FAU PUCCAMP, 2001.
- PROSHANSKY, H. M. The city and self-identity. *Environment an behavior*, 10, 1978.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.
- SECCHI, Bernardo. *Primeira Lição de Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica*. São Paulo: Estação Lierdade, 1999.
- WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.